

O Céu e o inferno



Allan Kardec

PARTE I – Doutrina
CAPÍTULO IV – O inferno

Índice

Assunto	Origem	Pagina
1. Intuição das penas futuras	O Céu e o inferno	03
Penas e gozos futuros: duração das penas	O Consolador	04
2. O inferno cristão imitando o inferno pagão	O Céu e o inferno	06
O inferno cristão	Centro Espírita Batuira	08
3. Os limbos	O Céu e o inferno	09
Os limbos	O Consolador	10
4. Quadro do inferno pagão	O Céu e o inferno	11
O céu e o inferno (04)	O Consolador	15
5. Esboço do inferno cristão	O Céu e o inferno	17
As penas eternas na visão Espírita	O Consolador	21

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

Parte I – Doutrina Capítulo IV – O inferno

I – Intuição das penas futuras

1. Desde todas as épocas o homem acreditou, por intuição, que a vida futura seria feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal praticado neste mundo. A idéia que ele faz, porém, dessa vida está em relação com o seu desenvolvimento, senso moral e noções mais ou menos justas do bem e do mal. As penas e recompensas são o reflexo dos instintos predominantes. Os povos guerreiros fazem consistir a suprema felicidade nas honras conferidas à bravura; os caçadores, na abundância da caça; os sensuais, nas delícias da voluptuosidade. Dominado pela matéria, o homem não pode compreender senão imperfeitamente a espiritualidade, imaginando para as penas e gozos futuros um quadro mais material que espiritual; afigura-se-lhe que deve comer e beber no outro mundo, porém melhor que na Terra. (1) Mais tarde já se encontra nas crenças sobre a vida futura um misto de espiritualismo e materialismo: a beatitude contemplativa concorrendo com o inferno das torturas físicas.

(1) Um pequeno saboiano, a quem o seu cura fazia a descrição da vida futura, perguntou-lhe se todo o mundo lá comia pão branco, como em Paris.

2. Não podendo compreender senão o que vê, o homem primitivo naturalmente moldou o seu futuro pelo presente; para compreender outros tipos, além dos que tinha à vista, ser-lhe-ia preciso um desenvolvimento intelectual que só o tempo deveria completar. Também o quadro por ele ideado sobre as penas futuras não é senão o reflexo dos males da Humanidade, em mais vasta proporção, reunindo-lhe todas as torturas, suplícios e aflições que achou na Terra. Nos climas abrasadores imaginou um inferno de fogo, e nas regiões boreais um inferno de gelo. Não estando ainda desenvolvido o sentido que mais tarde o levaria a compreender o mundo espiritual, não podia conceber senão penas materiais; e assim, com pequenas diferenças de forma, os infernos de todas as religiões se assemelham.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

I. Intuição das penas futuras

21 – 07/09/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

Penas e gozos futuros: duração das penas

O céu e o inferno

1. O conceito de céu e de inferno sofreu grande transformação com o advento da Doutrina Espírita. Não se traduz mais por regiões circunscritas de beatífica felicidade ou de sofrimentos atrozos e eternos, respectivamente. Aprendemos que céu e inferno, em essência, são um estado de alma que varia conforme a visão interior de cada um.

2. O dogma da eternidade absoluta das penas é – como é fácil entender – incompatível com o progresso dos Espíritos, ao qual ele opõe uma barreira insuperável. Conforme o ensino espírita, o homem é filho de suas próprias obras, seja na existência corporal, seja na vida post-mortem, nada devendo ao favor do Pai, que o recompensa pelos esforços que faz e o pune por sua negligência, pelo tempo em que nisso persistir.

3. Inferno pode-se traduzir por uma vida de provações extremamente dolorosa, com a incerteza de haver outra melhor. Portanto, a felicidade ou infelicidade após a desencarnação é inerente ao grau de aperfeiçoamento moral de cada Espírito e, também, à categoria do mundo que habita..

A lei de causa e efeito

4. As penas ou sofrimentos que cada um, experimenta são dores morais e estão em relação com os atos praticados. Não existem recompensa ou sofrimento gratuitos, obtidos sem mérito, mas sim a aplicação da lei de causa e efeito.

5. A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições que não conseguiu corrigir na existência corporal. A completa felicidade prende-se à perfeição, isto é, à purificação completa do Espírito. Toda imperfeição é, por sua vez, causa de sofrimento e de privação de gozo, do mesmo modo que toda perfeição adquirida é fonte de gozo e atenuante de sofrimentos.

6. A todos os Espíritos Deus faculta os meios de aprimoramento moral e intelectual, oferecendo em cada encarnação a possibilidade de uma programação reencarnatória coerente, onde a criatura humana terá chances de progredir e de expiar as faltas cometidas em existências anteriores.

7. A expiação pressupõe resgate, quitação, ajuste de erros, e varia segundo a natureza e o grau da falta, podendo a mesma falta determinar expiações diversas, na conformidade das circunstâncias atenuantes ou agravantes em que for cometida.

8. O arrependimento é o primeiro passo para a regeneração, mas não basta por si mesmo. É preciso ainda a expiação e a reparação.

9. Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências.

10. O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação. Somente a reparação, porém, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa. Se as coisas não fossem assim, o perdão concedido seria uma graça, não uma anulação.

11. A reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se fez o mal. Quem não repara os seus erros numa existência, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência posterior em

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

contato com as mesmas pessoas a quem prejudicou em vidas pretéritas, em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.

O código penal da vida futura

12. Toda conquista na evolução é o resultado natural de muito trabalho, porque o progresso tem preço. Tarefa adiada é luta maior e toda atitude negativa, hoje, diante do mal, será juro de mora ao mal de amanhã.

13. Concluindo, em que pese a diversidade de gêneros e graus de sofrimento dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura, elaborado por Allan Kardec com base nos ensinamentos dos Espíritos Superiores, pode resumir-se nestes três princípios:

1º – O sofrimento é inerente à imperfeição.

2º – Toda imperfeição, assim como toda falta dela promanada, traz consigo o próprio castigo nas consequências naturais e inevitáveis. Assim, a moléstia pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem que seja necessária uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.

3º – Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar sua futura felicidade.

14. A cada um segundo as suas obras, seja no céu ou na Terra – tal é a lei que rege a Justiça Divina e que Jesus sintetizou com perfeição em duas lições inesquecíveis: “A cada um segundo o seu merecimento” e “Quem matar com a espada perecerá pela espada”.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

II – O inferno cristão imitando o inferno pagão

3. O inferno pagão, descrito e dramatizado pelos poetas, foi o modelo mais grandioso do gênero, e perpetuou-se no seio dos cristãos, onde, por sua vez, houve poetas e cantores.

Comparando-os, encontram-se neles — salvo os nomes e variantes de detalhe — numerosas analogias; ambos têm o fogo material por base de tormentos, como símbolo dos sofrimentos mais atrozes. Mas, coisa singular! Os cristãos exageraram em muitos pontos o inferno dos pagãos. Se estes tinham o tonel das Danaides, a roda de Íxion, o rochedo de Sísifo, eram estes suplícios individuais; os cristãos, ao contrário, têm para todos, sem distinção, as caldeiras ferventes cujos tampos os anjos levantam para ver as contorções dos supliciados (1); e Deus, sem piedade, ouve-lhes os gemidos por toda a eternidade. Jamais os pagãos descreveram os habitantes dos Campos Elíseos deleitando a vista nos suplícios do Tártaro. (2)

(1) Sermão pregado em Montpellier em 1860.

(2) 2 “Os bem-aventurados, sem deixarem o lugar que ocupam, poderão afastar-se de certo modo em razão do seu dom de inteligência e da vista distinta, a fim de considerarem as torturas dos condenados, e, vendo-os, não somente serão insensíveis à dor, mas até ficarão repletos de alegria e renderão graças a Deus por sua própria felicidade, assistindo à inefável calamidade dos ímpios.” (S. Tomás de Aquino.)

4. Os cristãos têm, como os pagãos, o seu rei dos infernos — Satã — com a diferença, porém, de que Plutão se limitava a governar o sombrio império, que lhe coubera em partilha, sem ser mau; retinha em seus domínios os que haviam praticado o mal, porque essa era a sua missão, mas não induzia os homens ao pecado para desfrutar, tripudiar dos seus sofrimentos. Satã, no entanto, recruta vítimas por toda parte e regozija-se ao atormentá-las com uma legião de demônios armados de forçados a revolvê-las no fogo.

Já se tem discutido seriamente sobre a natureza desse fogo que queima mas não consome as vítimas. Tem-se mesmo perguntado se seria um fogo de betume. (1) O inferno cristão nada cede, pois, ao inferno pagão.

(1) 1 Sermão pregado em Paris em 1861.

5. As mesmas considerações que, entre os antigos, tinham feito localizar o reino da felicidade, fizeram circunscrever igualmente o lugar dos suplícios. Tendo-se colocado o primeiro nas regiões superiores, era natural reservar ao segundo os lugares inferiores, isto é, o centro da Terra, para onde se acreditava servirem de entradas certas cavidades sombrias, de aspecto terrível. Os cristãos também colocaram ali, por muito tempo, a habitação dos condenados. A este respeito, frisemos ainda outra analogia: — O inferno dos pagãos continha de um lado os Campos Elíseos e do outro o Tártaro; o Olimpo, morada dos deuses e dos homens divinizados, ficava nas regiões superiores. Segundo a letra do Evangelho, Jesus desceu aos infernos, isto é, aos lugares baixos para deles tirar as almas dos justos que lhe aguardavam a vinda. Os infernos não eram, portanto, um lugar unicamente de suplício: estavam, tal como para os pagãos, nos lugares baixos. A morada dos anjos, assim como o Olimpo, era nos lugares elevados. Colocaram-na para além do céu estelar, que se reputava limitado.

6. Esta mistura de idéias cristãs e pagãs nada tem de surpreendente. Jesus não podia de um só golpe destruir inveteradas crenças, faltando aos homens conhecimentos necessários para conceber a infinidade do Espaço e o número infinito dos mundos; a Terra para eles era o centro do Universo; não lhe conheciam a forma nem a estrutura internas; tudo se limitava ao seu ponto de vista: as noções do futuro não podiam ir além dos seus conhecimentos. Jesus encontrava-se,

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

pois, na impossibilidade de os iniciar no verdadeiro estado das coisas; mas não querendo, por outro lado, com sua autoridade, sancionar prejuízos aceitos, absteve-se de os retificar, deixando ao tempo essa missão. Ele limitou-se a falar vagamente da vida bem-aventurada, dos castigos reservados aos culpados, sem referir-se jamais nos seus ensinamentos a castigos e suplícios corporais, que constituíram para os cristãos um artigo de fé. Eis aí como as idéias do inferno pagão se perpetuaram até aos nossos dias. E foi preciso a difusão das modernas luzes, o desenvolvimento geral da inteligência humana para se lhe fazer justiça. Como, porém, nada de positivo houvesse substituído as idéias recebidas, ao longo período de uma crença cega sucedeu, transitoriamente, o período de incredulidade a que vem pôr termo a Nova Revelação. Era preciso demolir para reconstruir, visto como é mais fácil insinuar idéias justas aos que em nada creem, sentindo que algo lhes falta, do que fazê-lo aos que possuem uma idéia robusta, ainda que absurda.

7. Localizados o céu e o inferno, as seitas cristãs foram levadas a não admitir para as almas senão duas situações extremas: a felicidade perfeita e o sofrimento absoluto. O purgatório é apenas uma posição intermediária e passageira, ao sair da qual as almas passam, sem transição, à mansão dos justos. Outra não pode ser a hipótese, dada a crença na sorte definitiva da alma após a morte. Se não há mais de duas habitações, a dos eleitos e a dos condenados, não se podem admitir muitos graus em cada uma sem admitir a possibilidade de os franquear e, conseqüentemente, o progresso. Ora, se há progresso, não há sorte definitiva, e se há sorte definitiva, não há progresso.

Jesus resolveu a questão quando disse: — “Há muitas moradas na casa de meu Pai.” (1)

(1) O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. III.

Estudos

01/04/2004

Centro Espírita Bатуíra

II. O inferno cristão imitado do inferno pagão

O inferno Cristão

Desde as épocas mais primitivas o homem se preocupou com seu destino após a morte. Assim as penas e recompensas foram reflexos dos instintos predominantes.

Ao analisarmos o caminhar da Humanidade tendo como base seus ritos e crenças veremos que dominado pela matéria o homem compreende a espiritualidade imaginando para as penas e gozos futuros um quadro mais material que espiritual.

Não podendo compreender senão o que vê o Homem primitivo idealizou um inferno reunindo tudo quanto lhe representasse tortura e suplício.

Assim nas regiões frias o inferno seria uma geleira eterna, sem sol sem calor.

Já nas regiões quentes seria um fogo abrasador.

As mesmas considerações que entre os antigos tinham feito localizar o reino da felicidade, fizeram circunscrever igualmente o lugar dos suplícios.

Tendo se colocado o primeiro nas regiões superiores seria natural reservar os lugares inferiores para o centro da Terra.

Acreditavam existir cavernas de entrada para regiões sombrias no interior da terra, nos lugares baixos.

Na Mitologia grega o inferno seria um lugar subterrâneo onde estariam as almas dos mortos.

O conhecimento do Inferno pagão nos é fornecido quase exclusivamente pela narrativa dos poetas. Citam-se Homero, Virgílio e Dante Alighieri.

Este, por exemplo, na sua "Divina Comédia" descreve os aspectos lúgubres dos lugares, preocupando-se em realçar o gênero de sofrimento dos culpados tendo como base dos tormentos o fogo.

Em algumas religiões esta ideia se perpetua até hoje, utilizando para reafirmá-la o conhecimento científico da existência do magma terrestre ainda em fase de resfriamento como referência desta teoria.

O Inferno perpetuado pela religião cristã dogmática foi elevado a um lugar de maiores suplícios do que aquele dos pagãos (caldeiras ferventes, tonéis de óleo, rochedo em brasa, além de suplícios morais, sexuais e emocionais etc.) a todos aqueles que tiveram uma vida de pecado ou que não professava esta ou aquela religião.

Como os pagãos, os cristãos dogmáticos também possuem o seu rei dos infernos – Satã – com a diferença, porém, de que Plutão se limitava a governar o sombrio império, que lhe coubera em partilha, sem ser mau; retinha em seus domínios os que haviam praticado o mal, porque essa era a sua missão, mas não induzia os homens ao pecado para desfrutar, tripudiar dos seus sofrimentos.

Satã, no entanto, recruta vítimas por toda parte e regozija-se ao atormentá-las com uma legião de demônios armados de forcados a revolvê-las no fogo.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

III – Os limbos

8. É verdade que a Igreja admite uma posição especial em casos particulares. As crianças falecidas em tenra idade, sem fazer mal algum, não podem ser condenadas ao fogo eterno. Mas, também, não tendo feito bem, não lhes assiste direito à felicidade suprema. Ficam nos limbos, diz-nos a Igreja, nessa situação jamais definida, na qual, se não sofrem, também não gozam da bem-aventurança. Esta, sendo tal sorte irrevogavelmente fixada, fica-lhes defesa para sempre. Tal privação importa, assim, um suplício eterno e tanto mais imerecido, quanto é certo não ter dependido dessas almas que as coisas assim sucedessem. O mesmo se dá quanto ao selvagem que, não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, peca por ignorância, entregue aos instintos naturais. Certo, este não tem a responsabilidade e o mérito cabíveis ao que procede com conhecimento de causa. A simples lógica repele uma tal doutrina em nome da justiça de Deus, que se contém integralmente nestas palavras do Cristo: “A cada um, segundo as suas obras.” Obras, sim, boas ou más, porém praticadas voluntária e livremente, únicas que comportam responsabilidade. Neste caso não podem estar a criança, o selvagem e tampouco aquele que não foi esclarecido.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

Estudos

01/04/2004

Centro Espírita Bатуíra

III. Os limbos

Os limbos

Pela Teologia de muitas religiões ditas cristãs as penas e gozos serão distribuídos segundo as obras de cada ser, sendo estabelecido como o gozo celestial para os bons, as torturas do inferno para os maus, e para os inocentes (nem bons e nem maus) o limbo.

No cap. IV livro " O Céu e Inferno" Allan Kardec analisa a questão colocada para Igreja, de casos especiais como por exemplo o das crianças falecidas em tenra idade, que sem fazer mal algum, não poderiam ser condenadas ao fogo eterno.

Não tendo feito bem algum, também não lhes assistia direito à felicidade suprema.

Ficam no limbo, por ser esta uma situação definida, na qual, se não sofrem, também não gozam da bem-aventurança em sorte irrevogavelmente fixada.

Allan Kardec destaca que tal privação levaria a um suplício eterno e tanto mais imerecido.

O mesmo se dá quanto ao selvagem que, não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, peca por ignorância, entregue aos instintos naturais.

Certo, este não teria a responsabilidade e o mérito cabíveis aos que procedem com conhecimento de causa.

A simples lógica repele uma tal doutrina em nome da justiça de Deus, que se contém integralmente nestas palavras do Cristo: "A cada um, segundo as suas obras."

Obras, sim, boas ou más, porém praticadas voluntária e livremente, únicas que comportam responsabilidade.

Neste caso não podem estar a criança, o selvagem e tampouco aquele que não foi esclarecido.

Para o Espiritismo: Céu e Inferno são figuras de linguagem e não lugares circunscritos.

Na questão 1011 d e O Livro dos Espíritos, estudamos:

De acordo, então, com o que vindes de dizer, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina?

"A localização absoluta das regiões das penas e das recompensas só na imaginação do homem existe.

Provém da sua tendência a materializar e circunscrever as coisas, cuja essência infinita não lhe é possível compreender São simples alegorias: por toda parte há Espíritos ditos e inditos. Entretanto, conforme também já dissemos, os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia; mas podem reunir-se onde queiram, quando são perfeitos."

As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos.

Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou da sua desgraça.

E, como os espíritos estão por toda parte, não existe um lugar circunscrito ou fechado que possamos chamar de céu ou de inferno.

IV – Quadro do inferno pagão

9. O conhecimento do inferno pagão nos é fornecido quase exclusivamente pela narrativa dos poetas. Homero e Vergílio dele deram a mais completa descrição, devendo, contudo, levar-se em conta as necessidades poéticas impostas à forma. A descrição de Fénelon, no *Telêmaco*, posto que haurida na mesma fonte quanto às crenças fundamentais, tem a simplicidade mais concisa da prosa. Descrevendo o aspecto lúgubre dos lugares, preocupa-se, principalmente, em realçar o gênero de sofrimento dos culpados, estendendo-se sobre a sorte dos maus reis com vista à instrução do seu régio discípulo. Por muito popular que seja esta obra, nem todos têm presente à memória a sua descrição, ou não meditaram sobre ela de modo a estabelecer comparação, e assim acreditamos de utilidade reproduzir os tópicos que mais diretamente interessam ao nosso assunto, isto é, os que se referem especialmente às penas individuais.

10. “Ao entrar, *Telêmaco* ouve gemidos de uma sombra inconsolável. Qual é, perguntava-lhe, a vossa desgraça? Quem fostes na Terra? *Nabofarzan*, responde a sombra, rei da soberba Babilônia. Ao ouvir meu nome tremiam todos os povos do Oriente; fazia-me adorar pelos babilônios num templo todo de mármore, representado por uma estátua de ouro, a cujos pés se queimavam noite e dia os preciosos perfumes da Etiópia; jamais alguém ousou contradizer-me sem de pronto ser punido; inventavam-se dia a dia, prazeres novos para tornar-me a vida mais e mais deliciosa.” “Moço e robusto, quantos, oh! quantos prazeres me restavam ainda por usufruir no trono! Mas certa mulher, que eu amava e que me não correspondia, fez-me sentir claramente que eu não era um deus: — envenenou-me, e nada mais sou. As minhas cinzas foram ontem encerradas com pompa em urna de ouro: choraram, arrancaram cabelos, pretenderam fingidamente atirar-se às chamas da minha fogueira, a fim de morrerem comigo, vão ainda gemer junto do túmulo das minhas cinzas, mas ninguém me deplora; a minha memória horroriza a própria família, enquanto aqui em baixo sofro já horríveis suplícios. *Telêmaco*, compungido ante esse espetáculo, diz-lhe: Éreis vós verdadeiramente feliz durante o vosso reinado? Sentíeis porventura essa paz suave sem a qual o coração se conserva oprimido e abatido em meio das delícias? — Não, respondeu o babilônio; — não sei mesmo o que quereis dizer. Os sábios exaltam essa paz como bem único; quanto à raiva, nunca a senti, meu coração agitava-se continuamente por novos desejos de temor e de esperança. Procurava aturdir-me com o abalo das próprias paixões, tendo o cuidado de entreter essa embriaguez para torná-la permanente, contínua; o menor intervalo de razão, de calma, ser-me-ia muito amargo. Eis a paz que fruí; qualquer outra parece-me antes uma fábula, um sonho. São esses os bens que choro.” “Assim falando, o babilônio chorava qual homem pusilânime, enervado pelas prosperidades, desabituaado de suportar resignadamente uma desgraça. Havia junto dele alguns escravos mortos em homenagem honrosa aos seus funerais. *Mercúrio* os entregara a *Caronte* com o seu rei, outorgando-lhes poder absoluto sobre esse rei, a quem tinham servido na Terra. Essas sombras de escravos não temiam a sombra de *Nabofarzan*, que retinham encadeada, infligindo-lhe as mais cruéis afrontas.” Dizia-lhe uma: “Não éramos nós homens iguais a ti? Insensato que eras, julgavam-te um deus, a ponto de esqueceres a tua origem comum a todos os homens.” “Outra, para insultá-lo, dizia: — Tinhas razão em não querer que por homem te houvessem, porque na verdade eras um monstro desumano. Ainda outra: — Então?! onde estão agora os teus adutores? nada mais tens a dar, desgraçado! nem mesmo o mal podes fazer mais: eis-te reduzido a escravo dos teus escravos. A justiça dos deuses tarda, mas não falha. A estas frases duras *Nabofarzan* se rojava por terra, arrancando os cabelos em acesso de raiva e desespero. Mas *Caronte* instigava os escravos: Arrastem-no pela corrente, levantem-no contra a vontade. Não possa ele consolar-se escondendo a sua vergonha: preciso é que todas as sombras do Estige a testemunhem como justificativa aos deuses, que por tanto tempo toleraram o reinado terreno deste ímpio.

E ele avista logo, bem perto de si, o negro *Tártaro* evolando escuro e espesso fumo, cujo cheiro mefítico daria a morte se se espalhasse pela morada dos vivos. Esse fumo envolvia um rio de fogo, um turbilhão de chamas, cujo ruído, semelhante às torrentes mais caudalosas quando se

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

despenham de altos rochedos em profundos abismos, concorria para que nada se ouvisse nesses lugares tenebrosos. Telêmaco, secretamente animado por Minerva, entra sem medo nesse bátrio. Viu primeiramente um grande número de homens que tinham vivido nas mais humildes condições, punidos por haverem procurado riquezas por meio de fraudes, traições e crueldade. Aí notou muitos ímpios hipócritas que, simulando amar a religião, dela se tinham servido como de um belo pretexto para satisfazerem ambições e zombarem dos crédulos: os que haviam abusado até da própria Virtude, o maior dom dos deuses, eram punidos como os mais celerados de todos os homens. Os filhos que haviam degolado seus pais; as esposas que mancharam as mãos no sangue dos maridos; os traidores que venderam a pátria, violando todos os juramentos, sofriam, apesar de tudo, penas menores que aqueles hipócritas. “Os três juízes infernais assim o queriam, por esta razão: os hipócritas não se contentam com ser maus como os demais ímpios, porém querem passar por bons e concorrem por sua falsa virtude para a descrença e corrupção da verdade. Os deuses, por eles zombados e desprezados perante os homens, empregam com prazer todo o seu poderio para se vingarem de tais insultos.” “Perto destes, outros homens aparecem, que vulgarmente se julgam isentos de culpa, mas que os deuses perseguem desapiedadamente: são os ingratos, os mentirosos, os aduladores que louvaram o vício, os críticos perversos que procuraram enodoar a mais pura virtude; enfim aqueles que, julgando temerariamente das coisas, sem as conhecer a fundo, prejudicaram por isso a reputação dos inocentes.” “Telêmaco, vendo os três juízes sentados a condenarem um homem, ousou perguntar-lhes quais os seus crimes. O condenado, tomando a palavra, de pronto exclamava: Nunca fiz mal algum; todo o meu prazer era praticar o bem: fui sempre generoso, justo, liberal e compassivo; que se pode, pois, exprobrar-me?” “Minos então lhe disse: Nenhuma acusação se te faz quanto aos homens, porém a estes menos não devias que aos deuses? Que justiça, pois, é essa de que te vanglorias? Para com os homens, que nada são, não faltaste jamais a qualquer dever; foste virtuoso, é certo, mas só atribuíste essa virtude a ti próprio, esquecendo os deuses que ta deram, tudo porque querias gozar do fruto da tua virtude encerrado em ti mesmo: foste a tua divindade. Mas os deuses, que tudo fizeram, e o fizeram para si, não podem renunciar aos seus direitos; e, pois que quiseste pertencer-te e não a eles, entregar-te-ão a ti mesmo, esquecidos de ti como deles te esqueceste. Procura agora, se podes, o consolo em teu próprio coração. Eis-te agora para sempre separado dos homens, aos quais querias agradar; eis-te só contigo, tu que eras o teu ídolo: fica sabendo que não há verdadeira virtude sem respeito e amor aos deuses, a quem tudo é devido. A tua falsa virtude, que por muitos anos deslumbrou os ingênuos, vai ser confundida. Não julgando os homens o vício e a virtude senão pelo que lhes agrada ou os incomoda, são cegos quanto ao bem e quanto ao mal. Aqui, uma luz divina derroga seus julgamentos artificiais, condenando muita vez o que eles admiram, e outras vezes justificando o que condenam.” “A estas palavras, o filósofo, como que ferido por um raio, mal podia sustentar-se. O deleite que tivera outrora em rever a sua moderação, a coragem, as inclinações generosas, transformavam-se em desespero. A visão do próprio coração inimigo dos deuses promove-lhe suplícios; vê, e não pode deixar de se ver; vê a vaidade dos preconceitos humanos, aos quais buscava lisonjear em todas as suas ações. Opera-se uma revolução radical em todo o seu íntimo, como se lhe revolvessem todas as entranhas; reconhece-se outro; não encontra apoio no coração; a consciência, cujo testemunho tão agradável lhe fora, revolta-se contra ele, incriminando-lhe amargamente o desvario, a ilusão de todas as suas virtudes, que não tiveram por princípio e por fim o culto da Divindade, e ei-lo perturbado, consternado, preso da vergonha, do remorso, do desespero. As Fúrias não o atormentam, bastando-lhes o terem-na entregado a si próprio, para que expie pelo coração a vingança dos deuses desprezados.” “Procurando a treva não pode encontrá-la, porquanto inoportuna luz o segue por toda parte; de todos os lados os raios penetrantes da verdade vingam a verdade que ele desdenhou seguir. Tudo que amava se lhe torna odioso como fonte dos seus males infundáveis. Murmura consigo: Ó insensato! não conheci, pois, nem os deuses, nem os homens, nem a mim mesmo, porque jamais amei o verdadeiro e único bem; todos os meus passos foram tresloucados; a minha sabedoria não passava de loucura; a minha virtude mais não era que o orgulho impiedoso e cego: — eu era enfim o meu ídolo!” “Finalmente reconheceu Telêmaco os reis condenados por abuso de poder. De um lado, vingadora Fúria

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

apresentava-lhes um espelho a refletir a monstruosidade dos seus vícios: aí viam, sem poder desviar os olhos, a vaidade grosseira e ávida de ridículos louvores; a crueldade para com aqueles a quem deveriam ter feito felizes; o temor da verdade, a insensibilidade para com as virtudes, a predileção pelos cobardes e aduladores, a falta de aplicação, a inércia, a indolência; a desconfiança ilimitada; o fausto e a magnificência, excessivos calcados sobre a ruína dos povos; a ambição de glórias vãs à custa do sangue dos concidadãos; a fereza, enfim, que procura a cada dia, novas delícias nas lágrimas e no desespero de tantos infelizes. Esses reis reviam-se constantemente nesse espelho, achando-se mais monstruosos e horrendos que a própria Quimera vencida por Belerofonte, que a Hidra de Lerna abatida por Hércules e que Cérbero vomitando por suas três goelas um sangue negro e venenoso, capaz de empestar todas as raças de mortais que vivem sobre a Terra. “De outro lado, outra Fúria lhes repetia injuriosamente todos os louvores que os lisonjeiros lhes dispensavam em vida e mostrava-lhes ainda outro espelho em que se viam tais como a lisonja os pintara. Da antítese dos dois quadros brotava o suplício do amor-próprio. Era para notar que os piores dentre esses reis, foram os que tiveram maiores e mais fulgentes louvores durante a vida, por isso que os maus são mais temidos que os bons e exigem impudicamente as vis adulações dos poetas e oradores do seu tempo.

“Na profundidade dessas trevas, onde só insultos e escárnios padecem, ouvem-se lhes os gemidos agoniados. Nada os cerca que os não repila, contradiga e confunda em contraste ao que supunham na vida, zombando dos homens, convictos de que tudo era feito para servi-los. No Tártaro, entregues a todos os caprichos de certos escravos, estes lhes fazem provar por sua vez a mais cruel servidão; humilhados dolorosamente, não lhes resta esperança alguma de modificar ou abrandar o cativeiro. Qual bigorna sob as marteladas dos Ciclopes, quando Vulcano os acoroça nas fornalhas incandescentes do Monte Etna, assim permanecem, mercê das pancadas desses escravos transformados em verdugos.” “Aí viu Telêmaco pálidos semblantes, hediondos e consternados. Negra tristeza essa que consome estes criminosos, horrorizados de si próprios, sem poderem dela despojar-se como da própria natureza; não têm outro castigo às suas faltas que não as mesmas faltas; veem-se incessantemente na plenitude da sua enormidade, apresentando-se-lhes sob a forma de espectros horríveis que os perseguem. Procurando eximir-se a essa perseguição, buscam morte mais potente do que a que os separou do corpo. Desesperados, invocam uma morte capaz de extinguir-lhes a consciência: pedem aos abismos que os absorvam, a fim de se furtarem aos raios vingadores da verdade que os atormenta, mas continuam votados à vingança que sobre eles destila gota a gota e que jamais estancará. A verdade que temem ver constitui-se em suplício; veem-na, contudo, e só têm olhos para vê-la erguer-se contra eles, ferindo-os, despedaçando-os, arrancando-os de si mesmos, como o raio, sem nada destruir-lhes exteriormente, a penetrar-lhes o âmago das entranhas.” “Entre os seres que lhe eriçavam os cabelos, viu Telêmaco vários e antigos reis da Lídia punidos por haverem preferido ao trabalho as delícias de uma vida inativa, quando aquele deve ser o consolo dos povos e, como tal, inseparável da realeza.” “Estes reis lastimavam-se reciprocamente a cegueira. Dizia um a outro, que fora seu filho: Não vos tinha eu recomendado tantas vezes durante a vida e ainda antes da morte que reparásseis os males ocorridos por negligência minha? — Ah! desgraçado pai! — dizia o filho —, fostes vós que me perdestes! foi o vosso exemplo que me inspirou o fausto, o orgulho, a voluptuosidade e a crueldade para com os homens! Vendo-vos governar com tanta incúria, cercado de aduladores infames, habituei-me a prezar a lisonja e os prazeres.” “Acreditei que os homens eram para os reis o que os cavalos e outros animais de carga são para aqueles, isto é, animais que só se consideram enquanto proporcionam serviços e comodidades.” “Acreditei-o, e fostes vós que mo fizestes crer... sofrendo agora tantos males por vos haver imitado”. A estas recriminações aliavam as mais acerbas blasfêmias, como que possuídos de raiva bastante para se despedaçarem mutuamente. Quais notívagos mochos, em torno desses reis corvejavam as suspeitas cruéis, os vãos receios e desconfianças que vingam os povos da fereza de seus reis, a ganância insaciável das riquezas, a falsa glória sempre tirânica e a moleza displicente que duplica os sofrimentos sem a compensação de sólidos prazeres. Viam-se muitos desses reis severamente punidos, não por males que tivessem feito, mas por terem negligenciado o bem que poderiam e deveriam fazer. Todos os crimes dos povos, provenientes da desídia na observância das leis,

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

eram imputados aos reis, que não devem reinar senão para que as leis exerçam seu ministério. Imputavam-se-lhes também todas as desordens decorrentes do fausto, do luxo e dos demais excessos que impelem os homens à violência, instigando-os à aquisição de bens com o desprezo das leis. Sobretudo recaía o rigor sobre os reis que, ao invés, de serem bons e vigilantes pastores dos povos, só cuidavam de devastar o rebanho, quais lobos devoradores. “O que mais entristeceu Telêmaco, porém, foi ver nesse abismo de trevas e males um grande número de reis que, tendo passado na Terra pelos melhores, condenaram-se às penas do Tártaro por se terem deixado guiar por homens ardilosos e maus. Tal punição correspondia aos males que tinham deixado praticar em nome da sua autoridade. Demais, a maior parte desses reis não foram nem bons nem maus, tal a sua fraqueza; não os atemorizava a ignorância da verdade, e assim como nunca experimentaram o prazer da virtude, jamais poderiam fazê-lo consistir na prática do bem.”

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

Estudo metódico do Pentateuco Kardequiano IV. Quadro do inferno pagão

335 – 27/10/2013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Céu e o inferno (04)

“O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo” (Allan Kardec)

35. Desde todas as épocas o homem acreditou, por intuição, que a vida futura seria feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal praticado neste mundo.

A ideia, porém, que ele faz dessa vida está em relação com o seu desenvolvimento, senso moral e noções mais ou menos justas do bem e do mal.

(Primeira Parte, cap. IV, item 1.)

36. Não podendo compreender senão aquilo que vê, o homem primitivo moldou o seu futuro pelo presente; para compreender outros tipos, além dos que tinha à vista, ser-lhe-ia preciso um desenvolvimento intelectual, que só o tempo lhe deveria dar.

(Primeira Parte, cap. IV, item 2.)

37. Dessa forma, o quadro por ele ideado acerca das penas futuras não é senão o reflexo dos males da Humanidade, em mais vasta proporção, reunindo-lhe todas as torturas, suplícios e aflições que achou na Terra.

É por isso que, salvo pequenas diferenças de forma, os infernos de todas as religiões se assemelham. (Primeira Parte, cap. IV, item 2.)

38. O inferno pagão, descrito e dramatizado pelos poetas, foi o modelo mais grandioso do gênero e se perpetuou no seio dos cristãos.

Comparando-os, encontram-se neles numerosas analogias; ambos têm o fogo material por base de tormentos, como símbolo dos sofrimentos mais atrozes.

Mas, coisa singular! Os cristãos exageram em muitos pontos o inferno dos pagãos.

(Primeira Parte, cap. IV, item 3.)

39. Localizados o céu e o inferno, as seitas cristãs foram levadas a não admitir para as almas senão duas situações extremas: a felicidade perfeita e o sofrimento absoluto.

O purgatório é tão-somente uma posição intermediária e passageira, ao sair da qual as almas passam, sem transição, para a mansão dos bem-aventurados.

(Primeira Parte, cap. IV, item 7.)

40. Outra não poderia ser a hipótese, dada a crença na sorte definitiva da alma após a morte. Se não há mais do que duas habitações, a dos eleitos e a dos condenados, não se podem admitir muitos graus em cada uma sem admitir a possibilidade do progresso.

Ora, se há progresso, não há sorte definitiva; se há sorte definitiva, não há progresso. Jesus resolveu a questão quando disse: “Há muitas moradas na casa de meu Pai”.

(Primeira Parte, cap. IV, item 7.)

41. O conhecimento do inferno pagão nos é fornecido quase exclusivamente pela narrativa dos poetas Homero e Virgílio. Fénelon, no “Telêmaco”, também o descreve, sem os exageros peculiares à forma poética. (Primeira Parte, cap. IV, item 9.)

42. Uma pergunta que se impõe é esta: como há homens que dizem ter visto o inferno em estado de êxtase, se ele não existe? A explicação é simples: o êxtase é a mais incerta de todas as revelações. (1)

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

(1) Veja a esse respeito o ensinamento contido nas questões 443 e 444 d'O Livro dos Espíritos. Devemos considerar também que o indivíduo possa ter visto cenas da região chamada Umbral grosso, a que se refere o livro "Cidade no Além", de Heigorina Cunha, onde há "choro e ranger de dentes", como dizia Jesus.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

V – Esboço do inferno cristão

11. A opinião dos teólogos sobre o inferno resume-se nas seguintes citações (1). Esta descrição, sendo tomada dos autores sagrados e da vida dos santos, pode tanto melhor ser considerada como expressão da fé ortodoxa na matéria, quanto é ela reproduzida a cada instante, com pequenas variantes, nos sermões do púlpito evangélico e nas instruções pastorais.

12. “Os demônios são puros Espíritos, e os condenados, presentemente no inferno, podem ser considerados puros Espíritos, uma vez que só a alma aí desce, e os restos entregues à terra se transformam em ervas, em plantas, em minerais e líquidos, sofrendo inconscientemente as metamorfoses constantes da matéria. Os condenados, porém, como os santos, devem ressuscitar no dia do juízo final, retomando, para não mais deixá-los, os mesmos corpos carnis que os revestiam na vida. Os eleitos ressuscitarão, contudo, em corpos purificados e resplendentes, e os condenados em corpos maculados e desfigurados pelo pecado. Isso os distinguirá, não havendo mais no inferno puros Espíritos, porém homens como nós. Conseqüentemente, o inferno é um lugar físico, geográfico, material, uma vez que tem de ser povoado por criaturas terrestres, dotadas de pés, mãos, boca, língua, dentes, ouvidos, olhos semelhantes aos nossos, sangue nas veias e nervos sensíveis. Onde estará esse inferno? Alguns doutores o têm colocado nas entranhas mesmas do nosso globo; outros não sabemos em que planeta, sem que o problema se haja resolvido por qualquer concílio. Estamos, pois, quanto a este ponto, reduzidos a conjeturas; a única coisa afirmada é que esse inferno, onde quer que exista, é um mundo composto de elementos materiais, conquanto sem Sol, sem estrelas, sem Lua, mais triste e inóspito, desprovido de todo gérmen e das aparências benéficas que porventura se encontram ainda nas regiões mais áridas deste mundo em que pecamos. Os teólogos mais circunspectos não se atrevem, à semelhança dos egípcios, dos hindus e dos gregos, a descrever os horrores dessa morada, limitando-se a no-la mostrar como premissas no pouco que dela fala a Escritura, o lago de fogo e enxofre do Apocalipse e os vermes de Isaías, esses vermes que formigam eternamente sobre os cadáveres do Tofel, e os demônios atormentando os homens aos quais eles perderam, e os homens a chorarem, rangendo os dentes, segundo a expressão dos evangelistas”. “Santo Agostinho não concorda que esses sofrimentos físicos sejam apenas reflexos de sofrimentos morais e vê, num verdadeiro lago de enxofre, vermes e verdadeiras serpentes saciando-se nos corpos, casando suas picadas às do fogo. Ele pretende mais, segundo um versículo de S. Marcos, que esse fogo estranho, posto que material como o nosso e atuando sobre corpos materiais, os conservará como o sal conserva o corpo das vítimas. Os condenados, vítimas sempre sacrificadas e sempre vivas, sentirão a tortura desse fogo que queima sem destruir, penetrando-lhes a pele; serão dele embebidos e saturados em todos os seus membros, na medula dos ossos, na pupila dos olhos, nas mais recônditas e sensíveis fibras do seu ser. A cratera de um vulcão, se aí pudessem submergir, ser-lhes-ia lugar de refrigério e repouso. Assim falam com toda a segurança os teólogos mais tímidos, discretos e comedidos; não negam que haja no inferno outros suplícios corporais, mas dizem que para afirmá-lo lhes falta suficiente conhecimento, pelo menos tão positivo como o que lhes foi dado sobre o suplício horrível do fogo e dos vermes. Há, contudo, teólogos mais ousados ou mais esclarecidos que dão do inferno descrições mais minuciosas, variadas e completas. E conquanto se não saiba em que lugar do Espaço está situado esse inferno, há santos que o viram. Eles não foram lá ter com a lira na mão, como Orfeu; de espada em punho, como Ulisses, mas transportados em espírito.” “Desse número é Santa Teresa. Dir-se-ia, pela narrativa da santa, que há uma cidade no inferno: — ela aí viu, pelo menos, uma espécie de viela comprida e estreita como essas que abundam em velhas cidades, e percorreu-a horrorizada, caminhando sobre lodoso e fétido terreno, no qual pululavam monstruosos reptis. Foi, porém, detida em sua marcha por uma muralha que interceptava a viela, em cuja muralha havia um nicho onde se abrigou, aliás sem poder explicar a ocorrência. Era, diz ela, o lugar que lhe destinavam se abusasse, em vida, das graças concedidas por Deus em sua cela de Ávila.” “Apesar da facilidade maravilhosa que tivera em penetrar esse nicho, não podia sentar-se, ou deitar-se, nem manter-se de pé. Tampouco podia sair. Essas paredes horríveis, abaixando-se

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

sobre ela, envolviam-na, apertavam-na como se fossem animadas de movimento próprio. Parecia-lhe que a afogavam, estrangulando-a, ao mesmo tempo que a esfolavam e retalhavam em pedaços.” Ao sentir queimar-se, experimentou, igualmente, toda a sorte de angústias.

“Sem esperança de socorro, tudo era trevas em torno de si, posto que através dessas trevas percebesse, não sem pavor, a hedionda viela em que se achava, com a sua imunda vizinhança. Este espetáculo era-lhe tão intolerável quanto os apertos mesmos da prisão.” (1)

“Esse não era, sem dúvida, mais que um pequeno recanto do inferno. Outros viajantes espirituais foram mais favorecidos, pois viram grandes cidades no inferno, quais enormes braseiros: Babilônia e Nínive, a própria Roma, com seus palácios e templos abrasados, acorrentados todos os habitantes.” “Traficantes em seus balcões, sacerdotes reunidos a cortesãos em salas de festim, chumbados às cadeiras ululantes, levando aos lábios rubras taças chamejantes. Criados genuflexos em ferventes cloacas, braços distendidos, e príncipes de cujas mãos escorria em lava devoradora o ouro derretido.”

(1) Nesta visão se reconhecem todos os caracteres dos pesadelos, sendo provável que fosse deste gênero de fenômenos o acontecido a Santa Teresa.

Outros viram no inferno planícies sem-fim, cultivadas por camponeses famintos, que, nada colhendo desses campos fumegantes, dessas sementes estéreis, se entredevoravam, dispersando-se em seguida, tão numerosos como dantes, magros, vorazes e em bando, indo procurar ao longe, em vão, terras mais felizes. Outras colônias errantes de condenados os substituíam imediatamente. Ainda outros relatam que viram no inferno montanhas inçadas de precipícios, florestas gemebundos, poços secos, fontes alimentadas de lágrimas, ribeiros de sangue, turbilhões de neve em desertos de gelo, barcas tripuladas por desesperados, singrando mares sem praia. Viram, em uma palavra, tudo o que viam os pagãos: um lúgubre revérbero da Terra com os respectivos sofrimentos naturais eternizados, e até calabouços, patíbulos e instrumentos de tortura forjados por nossas próprias mãos. Há, com efeito, demônios que, para melhor atormentarem os homens em seus corpos, tomam corpos. Uns têm asas de morcegos, cornos, couraças de escama, patas armadas de garras, dentes agudos, apresentando-se nos armados de espadas, tenazes, pinças, serras, grelhas, foles, tudo ardente, não exercendo outro ofício por toda a eternidade, em relação à carne humana, que não o de carneiros e cozinheiros; outros, transformados em leões ou víboras enormes, arrastam suas presas para cavernas solitárias; estes se transformam em corvos para arrancar os olhos a certos culpados, e aqueles em dragões volantes, prontos a se lançarem sobre o dorso das vítimas, arrebatando-as assustadiças, ensanguentadas, aos gritos, através de espaços tenebrosos, para arremessá-las alfim em tanques de enxofre. Aqui, nuvens de gafanhotos, de escorpiões gigantescos, cuja vista produz náuseas e calafrios, e o contacto, convulsões; além, monstros policéfalos, escancarando goelas vorazes, a sacudirem sobre as disformes cabeças as suas crinas de áspides, a triturarem condenados com sangrentas mandíbulas para vomitá-los mastigados, porém vivos, porque são imortais. “Estes demônios de formas sensíveis, que lembram tão visivelmente os deuses do Amenti e do Tártaro, bem como os ídolos adorados pelos fenícios, moabitas e outros gentios vizinhos da Judéia, esses demônios não obram ao acaso, tendo cada um a sua função. O mal que praticam no inferno está em relação ao mal que inspiraram e fizeram cometer na Terra (1).

Os condenados são punidos em todos os seus órgãos e sentidos, porque também a Deus ofenderam por todos os órgãos e sentidos. Os delinquentes de gula são castigados pelos demônios da glotonaria, os preguiçosos pelos da preguiça, os luxuriosos pelos da devassidão, e assim por diante, numa variedade tão grande como a dos pecados. Terão frio, queimando-se, e calor, enregelados, ávidos igualmente de movimento e de repouso; sedentos e famintos; mil vezes mais fatigados que escravo ao fim do dia, mais doentes que os moribundos, mais alquebrados e chaguentos que os mártires, e isso para sempre.” “Demônio algum se furta, nem se furtará jamais ao desempenho sinistro da sua tarefa, perfeitamente disciplinados e fiéis, quanto à execução das vingativas ordens que receberam. Aliás, sem isso que seria o inferno? Repousariam os pacientes se os algozes altercassem ou se enfadassem. Mas, nada de repouso nem disputas para

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

quaisquer deles, pois apesar de maus e inumeráveis que são, estendendo-se de um a outro extremo do abismo, nunca se viu sobre a Terra súditos mais dóceis a seus príncipes, exércitos mais obedientes aos chefes ou comunidades monásticas mais humildes e submissas aos seus superiores. (2)

(1) Singular punição, na verdade, esta de poder continuar em maior escala a prática de mal menor feito na Terra. Mais racional seria o sofrerem os próprios malfeitores as consequências desse mal, em lugar de se darem ao prazer de proporcioná-lo a outrem.

(2) Esses mesmos demônios rebeldes a Deus quanto ao bem, são de uma docilidade exemplar quanto à prática do mal. Nenhum se esquiva ou afrouxa durante a eternidade. Que singular metamorfose em quem fora criado puro e perfeito como os anjos! Não é de pasmar vê-los dar exemplos de harmonia, de concórdia inalterável quando os homens sequer não sabem viver em paz na Terra, antes se laceram mutuamente? Vendo-se o requinte dos castigos reservados aos condenados e comparando sua situação à dos demônios, é caso de perguntar quais os mais dignos de lástima – se as vítimas ou os algozes.

“Quase nada se conhece da ralé demoníaca, desses vis Espíritos que compõem as legiões de vampiros, sapos, escorpiões, corvos, hidras, salamandras e outros animais sem- -nome; conhecem-se, porém, os nomes de muitos dos príncipes que comandam tais legiões, entre os quais Belfegor, o demônio da luxúria; Abaddon ou Apolion, do homicídio; Belzebu, dos desejos impuros, ou senhor das moscas que engendram a corrupção; Mammon, da avareza; Moloch, Belial, Baalgad, Astarot e muitos outros, sem falar do seu chefe supremo, o sombrio arcanjo que no céu se chamava Lúcifer e no inferno se chama Satanás.” “Eis aí resumida a idéia que nos dão do inferno, sob o ponto de vista da sua natureza física e também das penas físicas que aí sofrem. Compulsai os escritos dos padres e dos antigos doutores; interrogai as pias legendas; observai as esculturas e painéis das nossas igrejas; atentai no que dizem dos púlpitos e sabereis ainda mais.”

13. O Autor acompanha esse quadro das seguintes reflexões, cujo alcance procuraremos cada qual compreender: “A ressurreição dos corpos é um milagre, mas Deus faz ainda um segundo milagre, dando a esses corpos mortais — já uma vez usados pelas passageiras provas da vida, já uma vez aniquilados — a virtude de subsistirem sem se dissolverem numa fornalha, onde se volatilizariam os próprios metais. Que se diga que a alma é o seu próprio algoz, que Deus não a persegue e apenas a abandona no estado infeliz por ela escolhido (conquanto esse abandono eterno de um ser desgraçado e sofredor pareça incompatível com a bondade divina), vá; mas o que se diz da alma e das penas espirituais, não se pode de modo algum dizer dos corpos e das respectivas penas, para perpetuação das quais já não basta que Deus se conserve impassível, mas, ao contrário, que intervenha e atue, sem o que sucumbiriam os corpos. “Os teólogos supõem, portanto, que Deus opera, efetivamente, após a ressurreição dos corpos, esse segundo milagre de que falamos. Que em primeiro lugar tira dos sepulcros, que os devoravam, os nossos corpos de barro; retira-os tais como aí baixaram com suas enfermidades originais e degradações sucessivas da idade; restitui-nos a esse estado, decrepitos, friorentos, gotosos, cheios de necessidades, sensíveis a uma picada de abelha, assinalados dos estragos da vida e da morte, e está feito o primeiro milagre; depois, a esses corpos raquíticos, prontos a voltarem ao pó donde saíram, outorga propriedades que nunca tiveram — a imortalidade, esse dom que, em sua cólera (dizei antes em sua misericórdia), retirara a Adão ao sair do Éden — e eis completo o segundo milagre. Adão, quando imortal, era invulnerável, e deixando de ser invulnerável tornou-se mortal; a morte seguia de perto a dor. A ressurreição não nos restabelece, pois, nem nas condições físicas do homem inocente, nem nas do culpado, sendo antes uma ressurreição das nossas misérias somente, mas com um acréscimo de misérias novas, infinitamente mais horríveis.

“É, de alguma sorte, uma verdadeira criação, e a mais maliciosa que a imaginação tenha, porventura, ousado conceber. Deus muda de parecer, e, para juntar aos tormentos espirituais dos pecadores tormentos carnis que possam durar eternamente, transforma de súbito, por efeito

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

do seu poder, as leis e propriedades por Ele mesmo estabelecidas de princípio aos compostos materiais, ressuscita carnes enfermas e corrompidas e, reunindo por um nó indestrutível esses elementos que tendem por si mesmos a separar-se, mantém e perpetua, contra a ordem natural, essa podridão viva, lançando-a ao fogo, não para purificá-la, mas para conservá-la tal qual é, sensível, sofredora, ardente, horrível e como a quer — imortal. Por este milagre se arvora Deus num dos algozes infernais, pois se os condenados só a si podem atribuir seus males espirituais, em compensação só a Deus poderão imputar os outros. “Era pouco aparentemente o abandono, depois da morte, à tristeza, ao arrependimento, às angústias de uma alma que sente perdido o bem supremo. Segundo os teólogos, Deus irá buscá-las nessa noite, ao fundo desse abismo, chamando-as momentaneamente à vida, não para as consolar, mas para as revestir de um corpo horrendo, chamejante, imperecível, mais empestado que a túnica de Dejanira, abandonando-as então para sempre.” “Ainda assim Ele não as abandonará para sempre, em absoluto, visto como Céu e Terra não subsistem senão por ato permanente da sua vontade sempre ativa. Deus terá, portanto, sem cessar, esses condenados à mão, para impedir que o fogo se extinga em seus corpos, consumindo-os, e querendo que contribuam perenemente por seus perenes suplícios para edificação dos escolhidos.”

14. Dissemos, e com razão, que o inferno dos cristãos excedera o dos pagãos. Efetivamente, no Tártaro veem-se culpados torturados pelo remorso, ante suas vítimas e seus crimes, acabrunhados por aqueles que espezinharam na vida terrestre; vemo-los fugirem à luz que os, penetra, procurando em vão esconderem-se aos olhares que os perseguem; aí o orgulho é abatido e humilhado, trazendo todos o estigma do seu passado, punidos pelas próprias faltas, a ponto tal que, para alguns, basta entregá-los a si mesmos sem ser preciso aumentar-lhes os castigos. Contudo, são sombras, isto é, almas com corpos fluidicos, imagens da sua vida terrestre; lá não se vê os homens retomarem o corpo carnal para sofrer materialmente, com fogo a penetrar-lhes a pele, saturando-os até a medula dos ossos. Tampouco se vê o requinte das torturas que constituem o fundo do inferno cristão. Juízes inflexíveis, porém justos, proferem a sentença proporcional ao delito, ao passo que no império de Satã são todos confundidos nas mesmas torturas, com a materialidade por base, e banida toda e qualquer equidade. Incontestavelmente, há hoje, no seio da Igreja mesma, muitos homens sensatos que não admitem essas coisas à risca, vendo nelas antes simples alegorias cujo sentido convém interpretar. Estas opiniões, no entanto, são individuais e não fazem lei, continuando a crença no inferno material, com suas consequências, a constituir um artigo de fé.

15. Poderíamos perguntar como há homens que têm conseguido ver essas coisas em êxtase, se elas de fato não existem. Não cabe aqui explicar a origem das imagens fantásticas, tantas vezes reproduzidas com visos de realidade. Diremos apenas ser preciso considerar, em princípio, que o êxtase é a mais incerta de todas as revelações (1), porquanto o estado de sobre-excitação nem sempre importa um desprendimento da alma tão completo que se imponha à crença absoluta, denotando muitas vezes o reflexo de preocupações da véspera. As idéias com que o Espírito se nutre e das quais o cérebro, ou antes o invólucro perispiritual correspondente a este, conserva a forma ou a estampa, se reproduzem amplificadas como em uma miragem, sob formas vaporosas que se cruzam, se confundem e compõem um todo extravagante. Os extáticos de todos os cultos sempre viram coisas em relação com a fé de que se presumem penetrados, não sendo, pois, extraordinário que Santa Teresa e outros, tal qual ela saturados de idéias infernais pelas descrições, verbais ou escritas, hajam tido visões, que não são, propriamente falando, mais que reproduções por efeito de um pesadelo. Um pagão fanático teria antes visto o Tártaro e as Fúrias, ou Júpiter, no Olimpo, empunhando o raio.

(1) O Livro dos Espíritos, nos 443 e 444.

As penas eternas desmentiriam a bondade de Deus

1. As tradições dos diferentes povos registram a crença, muitas vezes intuitiva, de castigos para os maus e recompensas para os bons, na vida de além-túmulo. Com efeito, diante da imortalidade da alma, a razão e o sentimento de justiça nos levam a compreender que deve ser dado tratamento diferenciado aos homens pela Justiça Divina, de conformidade com a natureza das obras que executaram no mundo.

2. A tese da eternidade das penas reservadas àqueles que infringem as leis do bem e do amor, tanto quanto a existência do inferno, não resistem, contudo, a uma análise objetiva. O raciocínio lógico conduz-nos à seguinte premissa: Se o Espírito sofre em função do mal que praticou, sua infelicidade deve ser proporcional à falta cometida.

3. Cumpre considerar também que a condenação perpétua não se coaduna com a idéia cristã da sublimidade da justiça e da misericórdia divina. Jesus deu testemunho da Bondade e do Amor de Deus, ao afirmar que o Pai celeste não quer que pereça um só de seus filhos.

4. A razão nos leva à consideração de que Deus é, como ensina o Espiritismo, um ser infinito em suas perfeições, pois é filosoficamente impossível conceber o Criador de outra maneira, visto que, se Ele não apresentasse infinita perfeição, poderíamos conceber outro ser que Lhe fosse superior. Sendo, portanto, infinitamente sábio, justo e misericordioso, não podemos crer que tenha Ele criado pessoas para serem eternamente desgraçadas em virtude de uma falta ou de um erro passageiro, derivado evidentemente da própria imperfeição do homem.

Jesus revelou que Deus é um Pai misericordioso

5. A doutrina das penas eternas, consubstanciada na teologia católica surgiu das idéias primitivas que conceberam a existência de um Criador irritável e mal-humorado – um Deus irado e vingativo, a quem o homem atribuiu características puramente humanas.

6. O fogo eterno é uma figura de que o homem se utilizou para materializar a idéia do inferno, de modo a ressaltar a crueldade da pena, no pressuposto de que o fogo é o suplício mais atroz e que produz o tormento mais efetivo. Essas idéias serviram, em certo período da história da Humanidade, para controlar as paixões de criaturas ainda imperfeitas, mas não servem ao homem da atualidade, que nelas não consegue vislumbrar sentido lógico.

7. Jesus valeu-se das figuras do inferno e do fogo eterno para pôr-se ao alcance da compreensão dos homens de sua época. As imagens fortes que utilizou eram, então, necessárias para impressionar a imaginação de indivíduos que pouco entendiam das coisas do Espírito e cuja realidade estava mais próxima da matéria e dos fenômenos que lhes impressionavam os sentidos físicos. Mas foi Jesus também quem, em outras oportunidades, enfatizou a idéia de que Deus é Pai misericordioso e bom e que, das ovelhas que o Pai Lhe confiou, nenhuma se perderia.

8. A Justiça Divina, ensina o Espiritismo, manifesta-se na vida dos seres não para impor punições, mas com o objetivo maior de redirecionamento da pessoa para o bem. Deus criou os Espíritos para que progredam continuamente em conhecimento e amor. Essa evolução se produz através de inumeráveis experiências no plano físico e no plano espiritual, e a dor é o estímulo de que a

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IV)

Providência se vale para despertar os que só conhecem tal linguagem, com vistas a impulsionar o progresso.

Não há no Universo, lugares reservados para o inferno

9. A infelicidade é, portanto, a conseqüência natural da imperfeição do Espírito e existe em virtude de suas necessidades evolutivas. O sofrimento não é eterno, porque o mal também não o é. À medida que a criatura progride em amor e sabedoria, o sofrimento se atenua, e dia virá em que a consciência mais denegrida experimentará, no íntimo, a luz radiosa da alvorada do amor de Jesus.

10. Felicidade e infelicidade são, desse modo, proporcionais às realizações e conquistas efetivas registradas pela criatura humana em suas experiências evolutivas. A consciência harmonizada com a Vontade Divina reflete o Amor Sublime e objetiva o bem; a paz interior e a felicidade em sua plenitude são mera decorrência disso.

11. O homem em desequilíbrio interior, ao se voltar para o mal, incorre nos mecanismos da Justiça Divina, que, por meio da dor ou do sofrimento, o estimula ao reajuste e à reparação dos seus erros. Do homem depende, pois, a duração do seu sofrimento. Quanto mais cedo se utilizar do seu livre-arbítrio para progredir, mais cedo se libertará do jugo da dor.

12. No Universo não há lugares reservados para o inferno, pois a dor, independentemente do lugar em que se manifeste, opera a renovação do homem. Há, porém, lugares de penitência no plano invisível, em que o sofrimento se apresenta sob diversas formas e intensidade. Mas esses lugares não se assemelham ao inferno em sua tradicional acepção, visto que se constituem em agrupamentos provisórios, que se extinguirão com a evolução dos seres que os frequentam.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Céu e o Inferno, (Parte 1, itens 2, 7, 10, 21 e 33.)

Mateus O Evangelho segundo, (5:44-48 e 18:14.)

João, O Evangelho segundo, (6:39 e 10:16.)

Emmanuel, O Consolador, (psicografia Chico Xavier), (questão 244.)